

1INTRODUÇÃO

Desde o início das organizações humanas, que mais tarde seriam intituladas como civilização/sociedade, o corpo feminino fora dotado de regras e padronizações. Devido a capacidade das mulheres em gerar filhos, impossibilitando assim a capacidade de realizar atividades por certo tempo em decorrência da maternidade, criou-se então o estereótipo de submissão, fragilidade e reserva ao lar (Stearns, 2015). O referido autor ainda menciona que, conforme as sociedades se desenvolviam, os “sistemas de gênero” tomavam forma, consolidando-se cada vez mais, o que resultou no aprofundamento progressivo das desigualdades entre os gêneros.

Partindo desse pensamento, Adichie (2015), relata que quando uma coisa se repete várias vezes, esta vem a tornar-se normal, sendo assim, inculturada pela sociedade, preservada e ensinada a todas as novas gerações. Ou seja, se hoje tratamos mulheres dessa forma, é por que não nos fora ensinado de outra maneira. A autora ainda nos traz seguinte reflexão “Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura. Então temos que mudar nossa cultura.” (ADICHIE, 2015, p. 48)

Mourão e Vasconcelos–Raposo (2007) relatam que desde a infância, apesar do desenvolvimento motor ser o mesmo, as crianças já se deparam com as diferenças de cada gênero e, conforme o avanço da idade, se tornam mais acentuadas.

A fim de relacionar a discussão de gênero com a Educação Física (EF), decidiu-se por descrever o debate dentro da área esportiva, mais precisamente, dentro do esporte de *Cheerleading*, ou em português ‘Animação de Torcida’, uma prática popular nas universidades estadunidenses que combina ginástica, dança e movimentos acrobáticos e que vem ganhando espaço entre as universidades brasileiras e equipes independentes.

Diante do exposto, cabem alguns questionamentos: qual é a visibilidade do esporte mencionado? Como as mulheres são vistas dentro/fora desse esporte? Todas as categorias são disputadas por ambos os gêneros?

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o esporte *Cheerleading*, assim como a sua percepção da prática por ambos os gêneros de forma igualitária. Além disso, como objetivo específico, pretende-se elaborar um conjunto de

informações associadas ao referido esporte como contribuição para a sua compreensão como uma atividade ao alcance de todos. O estudo se justifica por sua relevância como produção de conhecimentos voltados para a área da Educação Física e o contributo desta quanto à prática de atividades físicas e esportivas que muito podem oferecer para o desenvolvimento global dos seus praticantes, além de representar um campo fecundo para discussões que apontem caminhos para a superação de problemas apresentados na sociedade.

2REFERENCIAL TEÓRICO

2.10 que é gênero?

A questão de gênero pode ser compreendida como um fenômeno cultural, afinal, mulheres e homens podem ter funções distintas em dada sociedade se levarmos em conta o momento histórico, o lugar e suas assimilações das diferenças sexuais. Porém, de acordo com Stearns (2015), durante uma pesquisa acerca deste assunto, evita se cruzar fronteiras para comparar/combinar a história mundial de gênero. Dessa forma, a comparação é feita de forma mais 'pobre', apenas dentro daquela determinada sociedade. Ferreira (2017, pág. 9) corrobora tal concepção ao citar a linha de pensamento de Daólio (2010) ao interpretar "que na atualidade o corpo é coberto por signos e seus significados", portanto, o mesmo recebe diversos arquétipos e estereótipos, dentre eles, o signo de gênero, o signo feminino e o signo mulher.

Advindo dessa ideia, Tiburi (2018, pág. 28) menciona que "a aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento." Ou seja, o arcabouço cultural influencia na constituição do corpo e a cada Período Histórico, ele interfere nessa construção, "genereficando" (termo usado pela autora) as características que ditaram/ditarão os padrões de comportamento, ditos, socialmente aceitos.

A partir daí Adichie (2015) relata que quando a repetição de certos padrões são inculturados pela sociedade, estes se tornam normais, sendo preservados e ensinados a todas as novas gerações, sem questionamento algum. E caso alguém pergunte o porquê, simplesmente a resposta seria 'aprendemos assim e

continuaremos a ensinar assim, como deve ser'. Ou seja, se hoje tratamos mulheres e homens dessa forma, é por que nos fora ensinado desta maneira. A autora ainda nos traz a seguinte reflexão "Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura. Então temos que mudar nossa cultura." (ADICHIE, 2015, p. 48).

Essa mudança cultural começaria a partir de pensamentos críticos, acerca do que seria então definido como feminino e masculino, como homem e mulher, o que determinaria cada um. Scherer (2016, pág. 37) nos traz uma ressalva sobre o texto *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: ensaio sobre doenças mentais*, onde a autora narra que "o caráter do belo caracteriza o sexo feminino, enquanto o caráter do sublime caracteriza o sexo masculino". A ideia de que a delicadeza está relacionada à mulher e o 'bruto' ao homem fora enraizado com tal força e exagero na ideologia humana que se faz nítido em todas as áreas, seja na profissional, na espiritual, na midiática, enfim, até mesmo na área esportiva, com a premissa de esporte "mais feminino" e esporte "mais masculino".

Mourão e Vasconcelos–Raposo (2007) observam que desde a infância, apesar do desenvolvimento motor ser o mesmo, as crianças já se deparam com as diferenças de cada gênero e, conforme o avanço da idade, se tornam mais acentuadas.

Sousa e Altmann (1999, pág. 3) salientam que a base da discussão surge devido a "diferença biológica existentes entre homens e mulheres, mas que considera que, com base nestas, outras são construídas". Ao trabalharmos dentro do esporte, vemos na prática a segregação dos esportes ditos femininos e masculinos. Um exemplo claro é o futebol de campo para os homens e a ginástica artística para as mulheres e isso se deve ao fato de o espelho social imposto aos gêneros, já que os homens, por produzirem mais testosterona produzem mais força e se tornam mais brutos. E as mulheres devem ser gentis e frágeis.

O rotulo de sexo frágil acompanha as mulheres aonde vão e dentro do *Cheerleading* não é diferente, o esporte ficou marcado como "esporte para meninas" depois do filme '*Bring It On*' popularizar a prática na década de 1980. Por ser um esporte que une dança com expressões e gestos exagerados, criou-se a imagem de que o esporte apresenta peculiaridades associadas às meninas, o que vai contra o histórico do esporte, pois o mesmo fora criado por homens e no início não havia a participação das mulheres (DIAS et al., 2015).

2.2 *Cheerleading*: algumas abordagens

A dança e de maneira predominante a ginástica representam o arcabouço do *Cheerleading*, o que acaba por envolver um cabedal de possibilidades tanto cognitivas como motoras aos seus praticantes (DIAS et al., 2015). Os autores afirmam que, por uma manifestação preconceituosa, muitos percebem a atividade unicamente como uma conotação sexual. Como características específicas, percebe-se o *Cheerleading* como uma modalidade com alto grau de exigência, pois muitos dos seus movimentos são acrobáticos com um nível de dificuldade o qual nem todos os seus praticantes conseguem realizar sem uma considerável carga de treinamento.

A respeito de seu histórico, Dias et al. (2015) também apontam que a modalidade tem a sua origem nos Estados Unidos ao final do século XIX, quando Johny Campbell, um estudante de medicina, para incentivar a sua equipe, se dirigiu à frente da arquibancada e, por meio de uma canção, tentou animar os torcedores. Posteriormente, a Universidade de Minnesota, montou uma equipe de seis alunos para fazer o mesmo. Nota-se que no início de sua prática, o *Cheerleading* era uma atividade essencialmente para homens, entretanto, por ocasião da Guerra dos Boxers ao final da primeira década do século XX, o alistamento militar de vários rapazes acabou por facilitar o ingresso das mulheres na condição de substitutas daqueles que haviam sido forçados a trocar a animação de torcidas pelos campos de batalha.

Com a participação das mulheres, a modalidade passou a ter novos atrativos, dentre eles as acrobacias, pirâmides, lançamentos e movimentos rítmicos para o deleite das torcidas, além da inserção de instrumentos musicais, adereços de mão e uniformes padronizados (DIAS et al., 2015).

Com o passar dos anos, o cheerleaders foi se difundindo por toda a América Estadunidense e se constituindo como parte da cultura americana. No Brasil o esporte iniciou em 2000, a partir da estreia de um filme "Bring it on" (no Brasil intitulado As Apimentadas), que traz bem como é, os passos, sincronia e como se apresenta nas High School (DIAS et al., 2015, p. 24921-24922).

Dias et al. (2015) observam ainda que a participação das estudantes envolvia rotinas organizadas que continham elementos ginásticos que objetivavam o

direcionamento do público para torcer pelas equipes esportivas e, também, a participação em competições de líderes de torcida. Nota-se que cada vez mais essas competições envolvendo equipes de *cheerleadings* se popularizam, sendo estas organizadas por diversas entidades, entre elas, a Associação Mundial de *Cheerleading*, a Federação All-Star dos Estados Unidos e a Associação Universal de Líderes de Torcida.

A respeito da participação de mulheres e homens na modalidade mencionada, Grindstaff e West (2006) afirmam que distintas expressões culturais como o esporte e as suas torcidas expõem as relações de desigualdade presentes nas relações sociais, por exemplo, uma líder de torcida pode representar uma grande possibilidade de observação da construção da conjunção de gênero e sexualidade que em diversas ocasiões se apresenta tanto no universo esportivo como também na sociedade em geral.

3METODOLOGIA

O caminho metodológico percorrido para o desenvolvimento do presente estudo está vinculado a uma pesquisa qualitativa, pois, na perspectiva de Silveira e Córdova (2009), trata-se de uma metodologia que se preocupa com a descrição e a apresentação da realidade tal como é em sua essência, por intermédio da explicação do porquê das coisas. Na pesquisa qualitativa, não há a necessidade de se quantificar os valores nem a submissão dos fatos, já que os dados coletados são interpretados à luz de diversas abordagens (SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009).

Faz-se importante a observação de que os participantes da pesquisa somente o fizeram a partir do cumprimento de todos os procedimentos éticos para a realização do estudo, que foi submetido ao Comitê de Pesquisas em Seres Humanos do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, tendo sido sob o Parecer Consubstanciado nº. 3.352.965e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº. 11631119.1.0000.5237.

3.1 Participantes

Os sujeitos da presente pesquisa consistiram em discentes dos Cursos de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda – Bacharelado e Licenciatura, todos eles praticantes do *Cheerleading*, sendo que o número de entrevistados foi oito (n=8). No que se refere ao gênero dos participantes, 5 (cinco) são do sexo feminino e 3 (três) do masculino.

3.2 Instrumento de coleta de dados

Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada com o objetivo de expor as opiniões dos participantes acerca do objeto de estudo. Nesse sentido, a entrevista constitui-se num privilegiado no qual se almeja o protagonismo do participante, onde este expressará suas experiências e opiniões de maneira livre, sendo de competência do investigador o controle do fluxo das declarações (MORE, 2015).

Na concepção de Triviños (1987), a entrevista semiestruturada se caracteriza por questionamentos que são alicerçados por teorias e hipóteses associadas ao objeto de estudo. Nesse caso, as perguntas podem gerar novas hipóteses a partir das respostas concedidas pelos sujeitos entrevistados e o foco principal da entrevista seria apresentado pelo pesquisador, estabelecendo-se então uma relação ente entrevistado e entrevistador.

3.3 Método de coleta de dados

Os dados foram coletados a partir de entrevistas que procuraram investigar o esporte *Cheerleading*, assim como a sua prática por ambos os gêneros de forma igualitária. Foram aplicadas na entrevista 4 (quatro) questões: a) como você conheceu o *Cheerleading*?; b) em um primeiro momento, você acha que o *Cheerleading* é um esporte mais praticado por homens ou mulheres? Por quê?; c) qual a sua percepção a respeito da experiência vivida dentro do esporte em relação a questão de gênero?; d) como essa experiência contribuiu em termos de conhecimento voltados para a relação de gênero para você?

Para a construção do instrumento de coleta de dados, utilizaram-se categorias empíricas que foram estabelecidas a partir do referencial teórico associado ao presente estudo. As categorias organizadas foram:

- O contato com o esporte *Cheerleading*
- O *Cheerleading* e a distinção de gênero
- O *Cheerleading* e os conhecimentos acerca da relação de gênero a partir da sua prática

Utilizou-se o recurso de áudio para o registro das informações coletadas por meio das entrevistas que duraram em média 6 minutos. A considerar que o gravador oportuniza a coleta das respostas dadas pelos participantes sem que se perca qualquer dado, para a realização das entrevistas, o equipamento utilizado foi um aparelho digital Sony ICD-PX312F 2GB. Sobre isso, Belei et. al. (2008) apontam que a utilização do gravador em entrevistas é considerada adequada para que se torne possível a ampliação da capacidade de registro de elementos de comunicação entre o pesquisador e o entrevistado, interrupções para reflexão e eventuais alterações na entonação da voz do sujeito, aperfeiçoando assim o fidedigno entendimento do relato concedido.

Após a realização das entrevistas, todos os dados coletados foram organizados e transcritos por intermédio de digitação para que houvesse a possibilidade de uma posterior análise dos mesmos.

3.4 Análise dos dados

Conforme mencionado anteriormente, os dados obtidos por intermédio da entrevista foram criteriosamente transcritos e analisados manualmente. Para esse procedimento, fez-se emprego de uma análise de conteúdo que, na perspectiva de Bardin (2011), se refere a um procedimento que objetiva a descrição do conteúdo dos indicadores que possibilitam a dedução de conhecimentos associados ao tema central da pesquisa.

Observa-se que o anonimato dos sujeitos da pesquisa foi mantido e na transcrição das entrevistas os seus nomes foram substituídos pelo código E, seguido do número de identificação da entrevista, por exemplo, E1, E2 e assim sucessivamente.

Após a organização das entrevistas devidamente transcritas, realizou-se a etapa associada à criação de categorias e a análise das transcrições, com os recortes devidamente inseridos nas categorias criadas. Na perspectiva de Bardin (2011), o estabelecimento de categorias assegura o entendimento dos significados das informações coletadas, adequando-as em seus respectivos contextos. Essas categorias apresentam, como componente principal, o objeto de estudo, o que, para Souza Junior *et al.* (2010), torna-se relevante na análise, em função da sua apresentação sobre o que se deseja investigar e como se expressarão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui apresentam-se os resultados obtidos de acordo as categorias inicialmente identificadas, a considerar fragmentos das entrevistas concedidas que refletem as posições dos sujeitos no que tange às particularidades das mesmas. Bardin (2011) observa que as informações coletadas a partir de questões abertas que constituem a entrevista semiestruturada são muito mais proveitosas do que as respostas fechadas.

Ainda a respeito das entrevistas semiestruturadas, nota-se nelas a possibilidade da exploração dos sentidos e, diante da fala de cada sujeito participante, ocorre uma maior interação entre o pesquisador e o entrevistado, além do destaque dos elementos referentes às categorias (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2010). É relevante a observação de que a discussão dos resultados se baseou no referencial teórico utilizado para o presente estudo e os resultados identificados e organizados.

Foram analisadas as três categorias associadas ao estudo: O contato com o esporte *Cheerleading*; o *Cheerleading* e a distinção de gênero; o *Cheerleading* e os conhecimentos acerca da relação de gênero a partir da sua prática. Posteriormente à análise de conteúdo realizada, os resultados quantitativos com a incidência das respostas são apresentados no Tabela 1.

Tabela 1 - Incidências das respostas apresentadas quanto às categorias associadas à aplicação do *Cheerleading*, assim como a sua prática por ambos os gêneros de forma igualitária.

O contato com o esporte <i>Cheerleading</i>	
<ul style="list-style-type: none"> • Curso Superior (7) • Mídia (3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Influência de amigos (1)
O <i>Cheerleading</i> e a distinção de gênero	
<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres (7) • Homens (7) • Preconceito (4) • Mídia (2) • Vergonha (2) 	<ul style="list-style-type: none"> • Gênero (2) • Machismo (1) • Estigma (1) • Tabu (1) • Orientação sexual (1)
O <i>Cheerleading</i> e os conhecimentos acerca da relação de gênero a partir da sua prática	
<ul style="list-style-type: none"> • Gênero (8) • Igualdade (7) • Preconceito (3) • Inclusão (3) • Diferenciação (2) • Orientação sexual (2) • Empoderamento (2) 	<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres (2) • Vergonha (1) • Estigma (1) • Barreiras (1) • Tabu (1) • Percepção (1) • Machismo (1)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.10 contato com o esporte *Cheerleading*

A respeito dos motivos pelos quais os sujeitos da pesquisa vieram a praticar o *Cheerleading*, observou-se uma predominância que viesse a justificar o primeiro contato com a referida modalidade. Trata-se da prática sistematizada de uma modalidade esportiva a partir do ingresso do indivíduo no ensino superior, motivo mencionado por 7 entrevistados.

Eu conheci esse esporte na faculdade, foi a capitã da equipe que me apresentou, ela me convidou para conhecer e nisso tive interesse em participar para ver como que era, já que era uma modalidade eu não conhecia, só conheci na faculdade (E2).

Foi através da faculdade mesmo, que eu iniciei no curso de educação física e como já havia a prática da modalidade aqui, é... eu me interessei e comecei a participar, participei do tryout e comecei a praticar (E8).

Ainda não pode ser considerado elevado o número de indivíduos que praticam esporte de maneira sistematizada no espaço acadêmico. Para Silva e Zamboni (2010), o estabelecimento de uma cultura voltada para a prática esportiva

no ambiente universitário é importante para a cultura da sociedade, pois ao ingressarem no Ensino Superior, diversos estudantes saem da cidade natal ou do meio o qual se a costumou a viver, fato que estabelece a necessidade de pertencerem a um grupo.

São os aspectos socializadores da cultura que se fazem presentes no esporte, o mesmo proporciona oportunidades de formação de novas amizades, de novos relacionamentos profissionais, enfim, existe um elemento gregário no esporte que se constitui em um dos principais elementos da cultura, a capacidade de criar grupos e subgrupos em seu bojo (SILVA; ZAMBONI, 2010, p. 1049).

Acerca da relevância em pertencer a um novo grupo ou segmento social, Castro (2011) complementa com a afirmação de que essa condição representa a possibilidade de compartilhar experiências e características com outros indivíduos que até então não faziam parte do seu convívio. Bento (1998) destaca ainda a importância da prática esportiva na formação do indivíduo ao afirmar que essa condição emerge de maneira absoluta na essência humana, pois temos em diversas ocasiões a necessidade de se manter ativo e se movimentar sem exigências.

Diante das observações supramencionadas, cabe ainda a observação de que em se tratando da prática esportiva no espaço acadêmico, ressalta-se a sua importância no cotidiano discente, pois em um cenário no qual predomina o exercício intelectual e as exigências de notas que signifiquem uma aprovação, a participação em equipes esportivas pode representar para o aluno um equilíbrio para lidar com situações estressantes.

A influência da mídia também foi citada como uma das razões para a participação em uma equipe de *Cheerleading*, com 3 incidências.

Eu conheci o Cheerleading através das mídias, através de filmes. Para mim cheerleader era aquela pessoa animadora de torcida de colégio, sim, essa era a minha concepção (E1).

Eu via nos filmes dos Estados Unidos, mas eu não sabia que tinha isso aqui no Brasil (E3).

De acordo com Merten (1997), ao longo dos anos, a mídia proporcionou ao *Cheerleading* a sua projeção para todas as etapas de ensino e a sua adoção por diversas equipes esportivas profissionais. No decorrer desse período, a modalidade

evoluiu dos simplórios pompons e modestas rotinas coreográficas para notáveis desempenhos atléticos. Graças a sua divulgação pelos meios midiáticos, calcula-se, segundo o mesmo autor, que aproximadamente 1,5 milhão de pessoas praticam essa modalidade nos Estados Unidos. Além disso, a sua exposição na mídia espalhou o interesse para outros países, por exemplo, Austrália, Brasil, Canadá, China, França e Japão, entre outros.

Os meios midiáticos oferecem um caminho para ampla recepção social que possibilita um contato com tudo o que ocorre em qualquer parte do mundo. Esse contato é realizado a partir da reconstrução dos fatos e acontecimentos surgidos nas mais diversas áreas e a sua recepção/consumo resulta em uma das práticas mais comuns do nosso cotidiano (BRITTOS; SANTOS, 2012). Percebe-se que esse contato estabelecido com a mídia permite aos indivíduos uma comunicação com o mundo a partir das tecnologias comunicacionais, o que acarreta no contato e a troca de informações e experiências entre os mais diversos grupos sociais.

Por intermédio da influência dos meios midiáticos, o indivíduo pode estabelecer um vínculo com uma determinada modalidade esportiva, o que pode consumir em uma inevitável aproximação com a sua prática. Não obstante, tal aproximação pode ser compreendida de duas maneiras. A primeira como uma relação com o esporte apresentado superficialmente com a manifesta intenção de atender aos interesses socioeconômicos de uma minoria hegemônica, o que acarretaria unicamente na formação de significados e a reprodução de técnicas de movimentos a partir do que é apresentado pela mídia (KUNZ, 2014). A segunda forma de aproximação pode ser por meio de uma análise crítica envolvendo todas as perspectivas do esporte, como a participação coletiva, a construção de valores, os significados, a sua prática como melhoria da qualidade de vida, entre outros, fazendo com que a sua prática represente valorização de quem se movimenta e não apenas os movimentos executados (RODRIGUES; DARIDO, 2008).

4.20 *Cheerleading* e a distinção de gênero

Ao serem questionados sobre a prática do esporte e se o mesmo era considerado um esporte mais feminino ou mais masculino, os entrevistados, em sua maioria, disseram que em um primeiro momento o *Cheerleading* pode ser considerado uma modalidade mais feminina.

Em um primeiro momento, é... a ideia do Cheerleading, só pelo próprio nome, só pelo líder de torcida dá uma ideia de que é um esporte, majoritariamente, senão, exclusivamente praticado por mulheres. (E5)

(..) ele é um esporte que por um senso comum assim, as pessoas acabam vendo por ser de mulher, por ser baseado por dança, movimentos ginásticos e acrobáticos (E8).

A justificativa para tal impressão partiria da ideia “genericada” que rotula a prática esportiva em feminina e masculina, a todo momento. Para Tiburi (2018), a sociedade reforça estereótipo feminino e delicado ligado a dança e a ginástica, bem presentes dentro da modalidade, além do preconceito e julgamento imposto aos homens que participam da prática, motivo apresentado por 4(quatro) entrevistados.

(...) eu acho que é a mesma questão do preconceito que as pessoas tem, como é um esporte que tem que ter dança e, querendo ou não, é uma coisa mais delicada assim, os meninos ainda ficam meio, é... sem jeito e com vergonha talvez de entrar, com medo do preconceito que eles podem sofrer a partir disso. (E6)

(...) então, tem um preconceitozinho leve por parecer muito com dança, por ter muita coisa dançada e etc, aí já tem muito homem que não quer, tem muita coisa com sorriso, com cheerface, com, com, e homem não quer também, ah é muito, muito homossexual, é muito não sei o que, entendeu? Aí rola um preconceito (...). (E3)

Conforme os argumentos apresentados pelos entrevistados, buscou-se trazer o pensamento das autoras Sousa e Altmann, (as mesmas) nos salientam a busca por

Manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes. (1999, p. 57).

Mediante a reflexão trazida pela autora Adichie (2015), busca-se ressaltar que as sociedades educam os gêneros de uma forma que reforça essa distinção, onde condenamos as meninas, por elas sentirem raiva ou por serem agressivas ou duras, enquanto elogiamos os meninos por esse mesmo comportamento. Notamos a aculturação de valores machistas em nossa sociedade acentuando essa ideia, observando-se a necessidade da afirmação masculina a todo momento, com pensamentos do tipo ‘o que fazer? Como fazer? Devo fazer?’ sendo repetidos

diversas vezes, a sublime ideia de expressar comportamentos do gênero oposto já é julgada, muitas das vezes, de forma inconsciente. Dentro do *Cheerleading* pode-se observar isso, praticantes homens, heterossexuais, muitas das vezes se sentem incomodados em realizar certos movimentos ou em sorrir demais, pois (eles) acham que estão indo muito além do permitido pela sociedade.

(...) Porque muito homens, é... rola muito esse negocio de machismo, então eles acham que é vergonhoso praticar esse esporte né, por que tem que fazer é... abrir espacat, fazer um cado de coisa, é.. hum... é atividades então hoje em dia é muito praticado por mulher (...). (E1)

A partir da pergunta principal, surgiu uma curiosidade acerca da influência midiática e como a mesma teria autoridade sobre o esporte, 4 (quatro) dos entrevistados expuseram que a mídia influencia sim, o *Cheerleading*, porém de uma forma 'errônea', mostrando apenas a animação de torcida tradicional, com pompons e meninas gritando na beira do campo ou dançando durante os intervalos de jogos coletivos (seja de basquete, futebol e afins).

(...) Sempre que a gente vê filmes ou qualquer coisa que mostre o esporte, são aquelas meninas com pomponzinho na mão, dançando, e que, na verdade, não tem nada aver com o esporte de verdade, né?! (E6).

(...) a mídia hoje, pelo menos aqui do Brasil, ela não mostra o que é o cheerleading de verdade, ela não mostra o esporte, ela mostra aquela animação de torcida, das meninas ficarem na beira do campo, com pomponzinho tipo "vai, vai, vai!" (E3).

Entretanto, devemos lembrar que essa vertente do *Cheerleading* é existente, porém estamos frisando o esporte em si nesse artigo.

Os entrevistados relatam que se a mídia/meios de comunicação mostrassem que o esporte não é apenas a animação, e sim, um esporte que é separado por categorias, cada uma com uma exigência diferente, que demandam treinamento, força, técnica, persistência e trabalho em equipe, a visão da sociedade e o julgamento feito aos homens que praticam/praticassem esse esporte seria mudada. Dessa forma, teríamos um novo caminho a ser percorrido e debatido dentro da discussão de gênero, sobre ser um esporte mais masculino ou mais feminino.

A questão do estigma que envolve os praticantes do *Cheerleading* foi abordada por um dos entrevistados. Sobre esse aspecto, faz-se necessária uma análise dessa questão a partir da perspectiva de Goffman (1988), que desenvolveu

um importante estudo por meio do desempenho dos papéis sociais dos indivíduos nem sempre capazes de se confinarem aos padrões estabelecidos pela sociedade de uma maneira geral.

O termo “estigma” foi criado pelos gregos para que se referissem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo de extraordinário acerca do *status* moral de quem os apresentava (Goffman, 1988). Atualmente, o termo é usado com sentido semelhante ao literal. Contudo, ele se refere mais à desgraça em si do que à marca corporal. Além disso, a percepção do que é considerado como desgraça sofreu modificações consideráveis. Como conceito mais atual, considera-se estigmatizante qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não se adapta ao quadro de expectativas sociais acerca de determinado indivíduo.

O autor ainda aponta que, em relação a isso, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns ou naturais para os membros de cada uma dessas categorias (GOFFMAN, 1988).

Nesse caso, a questão que se coloca não é a tensão gerada no decorrer de contatos sociais ou profissionais, mas sim a manipulação que se coloca acerca de sua diferença no âmbito em que se encontra, seja ele no seu lar, no ambiente de trabalho ou no espaço acadêmico.

Para Goffman (1988), onde quer que esteja o estigmatizado, por intermédio de seu comportamento, ele confirmará falsamente para as outras pessoas o fato de que estão em companhia do que eles na verdade esperam. Deliberadamente ou não, o estigmatizado invariavelmente esconde informações sobre a sua identidade (e aqui tratamos da identidade profissional), recebendo e aceitando assim um tratamento baseado apenas em falsas suposições a seu respeito.

4.3 O *Cheerleading* e os conhecimentos acerca da relação de gênero a partir da sua prática

A respeito dos conhecimentos adquiridos no que tange à relação de gênero a partir da prática do *Cheerleading*, notou-se entre os sujeitos participantes da pesquisa que a relação entre igualdade e gênero é fundamental para uma melhor compreensão sobre o significado e a importância dessa modalidade esportiva.

A gente acaba conhecendo e conseguindo compreender como que se dá essa formação da questão de gênero dentro do esporte. E a gente percebe todo esse estigma (E6).

Eu acho que basicamente a contribuição que tem em termos de gênero é justamente essa percepção, de perceber que as mulheres não ficam atrás pelo fato de serem mulheres, que elas são tão capazes de praticar o esporte quanto os homens (E1).

Para Fertuzinhos (2016), a igualdade é um princípio constitucional e do estado de direito, percebendo-se a sua consonância com a liberdade e a ideia de justiça, fundamentais a todos os direitos e deveres. Amparado pela ética, o entendimento acerca da igualdade e da liberdade passa pela abordagem de valores que são fundamentais para a concepção do papel do indivíduo na sociedade (TEIXEIRA, 2016).

Em se tratando da prática esportiva, Milani (2015) afirma que a desigualdade associada à participação das mulheres nas mais diversas modalidades podem ser observados em variadas situações. É notória a presença das relações de poder no esporte em geral e isso se justifica principalmente pelo fato de que o campo esportivo é, na maioria das ocasiões, uma mera reprodução das relações de gênero presentes na cultura da sociedade, nas quais invariavelmente coloca o homem numa condição superior à mulher, estabelecendo-se, assim, uma distinção entre os corpos masculinos e femininos. Da mesma afirmação compactuam Camargo e Kessler (2017), que observam ainda que o espaço esportivo representa um dos cenários de maior segregação de gênero da sociedade, pois a sociabilidade desses locais generifica não somente os desempenhos esportivos, mas também os papéis sociais que os indivíduos erroneamente imaginam que os outros devem ocupar.

A perceber o significado de uma modalidade esportiva como o *Cheerleading* como um campo para a disseminação de ideias voltadas para a discriminação e o preconceito, nota-se a sua relevância como um caminho voltado para a superação de estereótipos que simbolizam a desigualdade entre homens e mulheres no esporte e na sociedade em geral.

No que diz respeito às questões de gênero e discriminação, as características específicas do *Cheerleadings* são expostas quando este tema vem à tona:

E uma coisa muito comum que a gente vê no cheer é o partner, que é a base única. A gente vê muito homem treinando partner e não vê as mulheres nessa prática, mas por que não vemos? Por que existem equipes all girls, então, teoricamente, essas mulheres deveriam treinar base única tanto quanto os homens treinam, mas a questão é, como

disse anteriormente, de um machismo, de um preconceito que existe sobre o esporte (E1).

Devide (2005) observa que no instante em que se estabelece a discussão de gênero em qualquer modalidade esportiva, a mesma se alicerça a um feminismo que emergiu em consequência da marginalização das experiências das mulheres na prática esportiva e no exercício físico pelos estudos sociológicos voltados para o esporte, reforçando de maneira predominante as relações de gênero nas quais o homem prevalece, tornando-se evidente a hipótese de uma repressão que a sociedade exerce sobre a mulher.

Mas nessa discussão, faz-se necessária a observação de que o gênero está diretamente associado a dois aspectos: social e cultural. Segundo Weller (2005), essa concepção se constrói a partir da percepção de diferenças de sexo que são estabelecidas com o intuito de diminuir culturalmente as relações pessoais e os novos conceitos acerca do mundo.

O *Cheerleading* tem a dança como um dos seus alicerces. Diante disso, percebe-se a relevância da análise da relação do sujeito do sexo masculino com a prática desta modalidade. Gomes (2015) comenta que todos os indivíduos estão sujeitos a serem vítimas de manifestações discriminatórias. Tais manifestações podem ser motivadas por determinadas características físicas, pela situação socioeconômica, pela raça, sexo e outros vários fatores. O mesmo autor observa ainda que, no âmbito social, o indivíduo está exposto de tal maneira que o seu corpo passa a ser mais coletivo do que individual.

Algumas atitudes e características corporais, recebem uma classificação construída socialmente e culturalmente que podemos nominar de “generificação”, distinguindo a existência de atitudes, posturas e práticas determinadas para o sexo masculino e outras especificamente para o sexo feminino (afirmando o que é para homens e o que é para mulheres) (GOMES, 2015, p. 14).

O papel que a exposição do indivíduo o leva a uma representação social que estabelece de maneira errônea a uma definição de gênero condicionada a uma visão fundamentada na heteronormatização e na padronização que acarretam na expectativa de como deve se comportar, por exemplo, um indivíduo do sexo masculino (MARTIN, 2014).

A respeito do *Cheerleading* e a sua prática, nota-se que os seus adeptos são colocados em evidência por intermédio dos seus gestos e execução de movimentos específicos da modalidade. Isso, de acordo com Gomes (2015), estabelece ao praticante uma vulnerabilidade quanto á percepção social. Esse estado de vulnerabilidade diante daquilo que é conceituado pela sociedade pode acarretar uma insegurança ou vergonha que resulta da rejeição por parte de muitos homens em praticar uma modalidade como o *Cheerleading*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou investigar o esporte *Cheerleading*, assim como a percepção a respeito de sua prática por ambos os gêneros de forma igualitária.

Por intermédio das respostas concedidas pelos sujeitos da pesquisa conclui-se que o *Cheerleading*, em um primeiro momento, pode ser classificado como uma modalidade esportiva eminentemente praticada por mulheres, porém ao adentrar no em seu universo, é possível perceber a sua prática de forma igualitária, além de ser uma modalidade que vem apresentando um crescimento quanto ao número de praticantes. Mediante exposição midiática, também é perceptível que a mesma interfere na disseminação da ideia do *Cheerleading* quanto categoria/modalidade esportiva, por muitas das vezes retratar apenas a categoria esportiva original, a animação em campos das torcidas, porém, por intermédio da veiculação da mídia, sua projeção em quase todo o mundo tornou-se maior.

Sobre a questão de gênero, é possível concluir que, tanto de forma cultural quanto social, haverá interferência nos estereótipos que serviram/servirão como 'valores/parâmetros de referência' para tratarmos e julgarmos o que é classificado como feminino e masculino. Salienta-se que a aculturação e a enculturação de valores de outras sociedades em nossa própria, fará com que o nosso olhar cultural e social seja modificado, dessa forma, abrindo novos caminhos para debates, ideias e valores que poderão beneficiar o exercício do pensamento crítico por parte daqueles que se envolverem com tais questões.

Finaliza-se esse artigo com o pensamento de que o debate envolvendo questões de gênero sempre terá algo novo a ser discutido e investigado e que o

Cheerleading, um esporte aculturado em nossa sociedade, poderá dar continuidade a novas discussões e novos parâmetros igualitários para os gêneros.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELEI, R. A. et al. O uso da entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas, n. 30, p. 187-199, 2008.

BENTO, J. O. **Desporto e humanismo: o campo do possível**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1998.

BRITTOS, V. C.; SANTOS, A. D. G. Processos midiáticos do esporte: do futebol na mídia para um futebol midiaticizado. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 173-190, nov. 2012.

CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.

CASTRO, P. A. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento um estudo etnográfico**. 2011. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DAOLIO, J. **Corpo e identidade**. In MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papyrus, 2010.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, J. P. et al. O Cheerleader na educação física escolar. In: **XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE**, Curitiba, PR. Anais, 2015, p. 24919-24926.

FERREIRA, J. R. **A corporeidade e educação física escolar: os padrões corporais das alunas no ensino médio**. Volta Redonda: CENTRO UNIVERSITÁRIO DEVOLTA REDONDA -UNIFOA, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física - Bacharelado.

FERTUZINHOS, S. Fundamentos constitucionais da igualdade de gênero. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, número especial, p. 49-70, 2016.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, L. H. O. **Dançando o ritmo do preconceito: uma análise do estilo waacking com o enfoque no sexo masculino**. Rio Claro: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física - Bacharelado.

GRINDSTAFF, L.; WEST, E. Cheerleading and the Gendered Politics of Sport, **Social Problems**, v. 53, n. 4, p. 1, 500–518, 2006.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

MARTIN, J. R. V. Generificação dos corpos: performatividade de gênero e educação infantil. **Revista Anais Sociais**. XI Semana de Ciências Sociais. Marginalidades. UFSCar – São Carlos. p. 123-134. out. 2014.

MERTEN, D. The meaning of meanness: Popularity, competition, and conflict among junior high school girls. **Sociology of Education**, v. 70, n. 3 p. 175-191, 1997.

MILANI, A. G. **Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo e o Facebook**. Rio Claro: UNESP, 2015. 174 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2015.

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**, Aracaju, SE. Anais, 2015, p. 126-131.

MOURÃO, M. I. C.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. Diferenças entre gêneros nas habilidades: correr, saltar, lançar, pontapear. **Motricidade**, Ribeira de Pena, n. 3, p. 44-56, 2007.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137–154, 2008.

SCHERER, B. R. Sobre o caráter sexual da mulher e do homem em Kant. In: TIBURI, M. **Filosofia – machismos e feminismos**. São Paulo: Editora Record, 2016.

SILVA, A. C.; ZAMBONI, M. J. Educação física, esporte e cultura no Ensino Superior: íntimas relações com o Brasil e a atualidade. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4, p.1045-1051, out./dez. 2010

SILVEIRA, D. T. e CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cad. Cedes [online], v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.; MELO, M. S. T.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31–49, 2010.

STEARNS, P. N. História das relações de gênero. Trad. Mirna Pinsky. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

TEIXEIRA, D. V. Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 253-274, jan./jun, 2016.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todas e todos**. São Paulo: Editora Record, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, jan/abr 2005.